



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBÉIS**

RHAYSLAN RODRIGO DIAS PINHEIRO

**A CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR CRÍTICO PARA O SELO ESG DE
EMPRESAS NEGOCIADAS NA B3**

**CAMPINA GRANDE
2025**

RHAYSLAN RODRIGO DIAS PINHEIRO

**A CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR CRÍTICO PARA O SELO ESG DE
EMPRESAS NEGOCIADAS NA B3**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Contabilidade.

Área de concentração: Contabilidade Ambiental

Orientador(a): Ma. Vânia Vilma Nunes Teixeira

**CAMPINA GRANDE
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P654c Pinheiro, Rhayslan Rodrigo Dias.

A certificação ambiental como fator crítico para o selo ESG de empresas negociadas na B3. [manuscrito] / Rhayslan Rodrigo Dias Pinheiro. - 2025.

34 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências contábeis) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Ma. Vânia Vilma Nunes Teixeira, Departamento de Ciências Contábeis - CCSA".

1. Certificação ambiental. 2. ESG. 3. Empresas na B3. I.
Título

21. ed. CDD 658.408

RHAYSLAN RODRIGO DIAS PINHEIRO

A CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR CRÍTICO PARA O SELO ESG DE
EMPRESAS NEGOCIADAS NA B3

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Ciências Contábeis da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel
em Ciências Contábeis

Aprovada em: 11/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jose Pericles Alves Pereira** (***.326.894-**), em **19/06/2025 15:15:52** com chave **6f919a464d3911f0894f2618257239a1**.
- **Allan Carlos Alves** (***.371.014-**), em **19/06/2025 15:54:21** com chave **cf6803b04d3e11f0846c2618257239a1**.
- **Vânia Vilma Nunes Teixeira** (***.124.814-**), em **19/06/2025 14:57:54** com chave **ec9ec78c4d3611f0903b06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 27/06/2025

Código de Autenticação: d0d631



Aos meus familiares, pelo apoio e compreensão, pois são eles que me incentivam a ser cada dia melhor e me tornar um profissional de excelência. DEDICO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1	O surgimento do ESG: definição e breve histórico	8
2.2	Aspectos ESG	11
2.3	O conceito de Materialidade no ESG	13
2.4	Certificações ESG	14
3	METODOLOGIA	16
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
5	CONCLUSÃO	25
	REFERÊNCIAS	27

A CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL COMO FATOR CRÍTICO PARA O SELO ESG DE EMPRESAS NEGOCIADAS NA B3

ENVIRONMENTAL CERTIFICATION AS A CRITICAL FACTOR FOR THE ESG SEAL OF COMPANIES TRATED ON B3

Rhayslan Rodrigo Dias Pinheiro*

RESUMO

Este artigo aborda a importância da certificação ambiental como componente essencial das práticas (ESG) (*Environmental, Social and Governance*) em empresas com ações listadas na B3, a bolsa de valores brasileira. Diante do aumento da pressão por práticas empresariais sustentáveis e transparentes, a certificação ambiental emerge como uma ferramenta estratégica para fortalecer a governança ambiental, aumentar a confiança dos investidores e melhorar a reputação corporativa. Dessa forma, objetiva-se com este estudo analisar a importância da certificação ambiental como fator crítico para a obtenção e manutenção do selo ESG por empresas listadas na B3, avaliando seu impacto na conformidade ambiental, na reputação corporativa e na atração de investimentos sustentáveis. Por meio de uma pesquisa qualitativa, baseada em análise documental de relatórios de sustentabilidade, dados financeiros e informações públicas de empresas certificadas, o estudo identifica como as certificações reconhecidas internacionalmente, como a (ISO) 14001, (FSC) e (I-REC), são incorporadas às estratégias organizacionais para mitigar riscos ambientais e assegurar conformidade regulatória. Os resultados revelam que as empresas que adotam certificações ambientais tendem a apresentar maior transparência, eficiência operacional e maior aderência a critérios ambientais exigidos por índices de sustentabilidade, como o Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE). Além disso, a certificação ambiental está associada à melhora na atração de investimentos responsáveis, refletindo o crescente interesse de investidores por ativos que demonstram compromisso genuíno com a sustentabilidade. Contudo, o estudo também evidencia desafios, como a adoção superficial ou meramente formal das certificações por algumas organizações, o que pode comprometer a credibilidade das práticas (ESG) e levar a percepções de “*greenwashing*”. Em síntese, a certificação ambiental é identificada como um elemento-chave para fortalecer o compromisso sustentável das empresas e para agregar valor competitivo no mercado de capitais. No entanto, para que seu impacto seja efetivo, é fundamental que esteja integrada de maneira consistente com os demais pilares do ESG e com os objetivos estratégicos corporativos. O artigo contribui para a literatura ao aprofundar a compreensão sobre a função estratégica das certificações ambientais em empresas brasileiras e seu papel na transição para um modelo de negócios mais sustentável.

Palavras-Chave: B3; certificação ambiental; (ESG); sustentabilidade.

ABSTRACT

This article addresses the importance of environmental certification as an essential component of (ESG) (Environmental, Social and Governance) practices in

* Aluno de Graduação em Ciências Contábeis na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: rhayslan.pinheiro@aluno.uepb.edu.br.

companies listed on B3, the Brazilian stock exchange. Given the increasing pressure for sustainable and transparent business practices, environmental certification emerges as a strategic tool to strengthen environmental governance, increase investor confidence and improve corporate reputation. Thus, the objective of this study is to analyze the importance of environmental certification as a critical factor for obtaining and maintaining the ESG seal by companies listed on B3, assessing its impact on environmental compliance, corporate reputation and attracting sustainable investments. Through qualitative research, based on documentary analysis of sustainability reports, financial data and public information of certified companies, the study identifies how internationally recognized certifications, such as (ISO) 14001, (FSC) and (I-REC), are incorporated into organizational strategies to mitigate environmental risks and ensure regulatory compliance. The results reveal that companies that adopt environmental certifications tend to present greater transparency, operational efficiency and greater adherence to environmental criteria required by sustainability indexes, such as the B3 Corporate Sustainability Index (ISE). In addition, environmental certification is associated with an improvement in attracting responsible investments, reflecting the growing interest of investors in assets that demonstrate a genuine commitment to sustainability. However, the study also highlights challenges, such as the superficial or merely formal adoption of certifications by some organizations, which can compromise the credibility of (ESG) practices and lead to perceptions of “greenwashing”. In short, environmental certification is identified as a key element to strengthen companies’ sustainability commitment and to add competitive value in the capital market. However, for its impact to be effective, it is essential that it is consistently integrated with the other ESG pillars and with corporate strategic objectives. The article contributes to the literature by deepening the understanding of the strategic function of environmental certifications in Brazilian companies and their role in the transition to a more sustainable business model.

Keywords: B3; environmental certification; (ESG); sustainability.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a crescente preocupação com as mudanças climáticas, a desigualdade social e a ética corporativa impulsionou uma transformação significativa na forma como empresas são avaliadas por investidores, consumidores e pela sociedade em geral. Nesse contexto, o conceito de (ESG) — sigla para *Environmental, Social and Governance* — ganhou destaque como um conjunto de critérios utilizados para medir o desempenho sustentável e responsável das organizações. (Kotsantonis; Pinney; Serafeim, 2019)

No Brasil, esse movimento tem se refletido de forma clara no ambiente corporativo, especialmente entre as empresas listadas na B3, a bolsa de valores brasileira. A adoção de práticas alinhadas aos princípios (ESG) passou a representar não apenas um compromisso ético, mas também uma estratégia relevante para a valorização de mercado e a atração de investimentos. Entre os três pilares do ESG, o critério ambiental destaca-se por seu impacto direto na reputação empresarial e na sustentabilidade dos negócios, sendo frequentemente validado por meio de certificações ou selos específicos que atestam o desempenho ambiental da empresa. (Del Maso, 2021)

A crescente atenção global aos impactos ambientais, às práticas sociais e à governança corporativa tem impulsionado a adoção dos princípios (ESG) (*Environmental, Social and Governance*) como parte estratégica das empresas. No cenário empresarial contemporâneo, a integração de critérios ESG representa uma mudança significativa na forma como as organizações são avaliadas por seus diversos públicos de interesse. Segundo Eccles, Ioannou e Serafeim (2014), empresas que incorporam práticas sustentáveis tendem a apresentar desempenho financeiro superior no longo prazo, além de fortalecerem sua reputação perante investidores e consumidores.

No Brasil, essa tendência é observada especialmente entre as companhias listadas na B3, que têm sido pressionadas a adotar padrões mais elevados de responsabilidade socioambiental. A criação de índices como o (ISE) B3 (Índice de Sustentabilidade Empresarial) reflete esse movimento, ao selecionar empresas com base em critérios ambientais, sociais e de governança reconhecidos (B3, 2023). Nesse contexto, a certificação ambiental surge como uma ferramenta importante para atestar a conformidade das empresas com práticas sustentáveis, agregando valor ao selo (ESG).

A adoção de certificações ambientais permite às empresas não apenas demonstrar transparência e comprometimento com a preservação dos recursos naturais, mas também mitigar riscos regulatórios e reputacionais. Conforme argumenta Porter e Kramer (2011), estratégias sustentáveis podem gerar vantagens competitivas ao alinhar o propósito social com a lógica econômica dos negócios.

Nessa perspectiva, a crescente relevância dos critérios ESG no mercado financeiro tem impulsionado empresas listadas na B3 a adotarem práticas mais sustentáveis e transparentes. No entanto, ainda são escassos os estudos que analisam de forma crítica o papel das certificações ambientais dentro dessa dinâmica, especialmente no que diz respeito à sua influência na valorização da empresa, na atração de investimentos e no desempenho organizacional. Diante disso, surge a seguinte questão central: Qual é a importância da certificação ambiental para empresas com ações na B3 no contexto das práticas ESG, e de que forma ela impacta sua imagem, competitividade e acesso ao mercado de capitais?

Para responder tal questionamento este estudo tem por objetivo geral analisar a importância da certificação ambiental como fator crítico para a obtenção e manutenção do selo ESG por empresas listadas na B3, avaliando seu impacto na conformidade ambiental, na reputação corporativa e na atração de investimentos sustentáveis. E por objetivos específicos: Investigar os principais selos e certificações ambientais adotados por empresas brasileiras com ações na B3; Verificar a correlação entre certificações ambientais e o desempenho financeiro/mercadológico das empresas na B3; Identificar os desafios e benefícios enfrentados pelas empresas na obtenção de certificações ambientais no contexto (ESG); Analisar a correlação entre a presença de certificações ambientais, a performance financeira e os indicadores contábeis das empresas com selo ESG na B3.

Contudo, a crescente demanda por práticas corporativas sustentáveis tem redefinido os critérios de avaliação e valorização das empresas no mercado de capitais. No ambiente econômico atual, a atenção de investidores, órgãos reguladores e da sociedade civil volta-se cada vez mais para organizações que adotam políticas transparentes, responsáveis e comprometidas com a sustentabilidade. Nesse contexto, a certificação ambiental torna-se uma ferramenta estratégica, especialmente para companhias com ações negociadas na B3, que estão sob constante escrutínio do mercado e do público.

A adoção de práticas ambientais certificadas não apenas reduz riscos operacionais e reputacionais, mas também contribui para o fortalecimento da imagem institucional e para o acesso a investimentos socialmente responsáveis. Considerando a importância crescente dos critérios (ESG) nas decisões de investimento, compreender o papel das certificações ambientais nesse cenário é essencial para avaliar o posicionamento competitivo das empresas brasileiras no mercado financeiro.

Além disso, ao abordar o tema da certificação ambiental sob a ótica do (ESG), este estudo se justifica por preencher uma lacuna na literatura nacional, ainda carente de análises aprofundadas sobre os impactos diretos dessas práticas em empresas de capital aberto. A pesquisa também se alinha a uma agenda global de desenvolvimento sustentável, promovendo o debate sobre o papel do setor privado na transição para uma economia de baixo carbono e socialmente mais justa.

Assim, o presente artigo propõe uma análise sobre a importância da certificação ambiental no contexto do (ESG), com foco nas empresas com ações negociadas na B3, discutindo os impactos dessa prática na performance corporativa e na atração de investimentos responsáveis.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O surgimento do ESG: definição e breve histórico

O conceito de ESG, sigla para *Environmental, Social and Governance* (Ambiental, Social e Governança), surgiu como resposta às crescentes demandas por maior responsabilidade socioambiental nas práticas corporativas. O termo foi oficialmente introduzido em 2004, por meio do relatório *Who Cares Wins*, resultado de uma iniciativa do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com instituições financeiras. Esse relatório defendia a integração dos critérios ESG nas análises de investimentos, considerando que esses fatores poderiam contribuir positivamente para o desempenho financeiro no longo prazo. (Um Global Compact, 2004)

A gênese do (ESG) está fortemente vinculada ao avanço das discussões sobre desenvolvimento sustentável. Tais debates ganharam relevância a partir da década de 1980, especialmente com a publicação do relatório *Brundtland*, em 1987, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Esse documento definiu desenvolvimento sustentável como aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer as futuras gerações. (WCED, 1987)

Ao longo dos anos 2000, o conceito de (ESG) passou a ganhar adesão mais ampla entre investidores institucionais. Essa tendência foi impulsionada por estudos que identificaram correlações entre práticas ESG e desempenho financeiro. Friede, Busch e Bassen (2015), por exemplo, realizaram uma metanálise de mais de 2.000 estudos e constataram que, em sua maioria, existe uma relação positiva entre desempenho ESG e resultados financeiros.

De acordo com Ferola e Paglia (2021) o (ESG) é definido como um conjunto de atuações de meio ambiente, responsabilidade social e governança corporativa, no meio empresarial, pertinentes ao desenvolvimento sustentável como forma estratégica para alcançar um maior atrativo de investidores para a companhia e constituir uma cultura concreta de governança interna.

Nessa perspectiva Irigaray e Stocker (2022) destacam que a pauta ESG não é recente, tendo em vista que no ano de 1987 foi publicado o relatório *Brundtland de título Our Common Future* (Nosso Futuro Comum) o qual foi coordenado pela primei-

ra-ministra da Noruega, *Gro Harlem Brundtland*. Neste período, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento voltava a propagação do conceito de desenvolvimento sustentável, que era explanado desde a década de 70.

Nessa vertente, Gomes e Ferreira (2018) elucidam que o modelo de desenvolvimento econômico vigorante onde se constrói o paradigma da degradação ambiental deve abrir espaço para um novo padrão de equilíbrio em meio a utilização dos recursos naturais e a vida humana, de forma que a vida e o meio ambiente estejam assegurados para as gerações futuras.

No Brasil, o tema começou a ser debatido com maior ênfase a partir da criação do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) pela B3, em 2005, que passou a avaliar o comprometimento das empresas listadas com práticas sustentáveis (B3, 2022). A partir da década de 2010, o debate ganhou ainda mais relevância, especialmente em razão de eventos climáticos extremos e da pandemia de COVID-19, que intensificaram a demanda por empresas mais resilientes e conscientes de seu papel social.

Além disso, o (ESG) passou a ser contemplado por diretrizes internacionais e iniciativas regulatórias. Entre os principais marcos, destacam-se os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da (ONU), os Princípios para o Investimento Responsável (PRI) e, mais recentemente, os avanços nas normas internacionais de reporte de sustentabilidade, como a IFRS *Sustainability* e a Diretiva de Relatórios de Sustentabilidade Corporativa (CSRD), da União Europeia.

Dessa forma, observa-se que o surgimento e consolidação do ESG refletem uma transformação nas expectativas da sociedade quanto ao papel das organizações. As empresas deixam de ser vistas apenas como geradoras de lucro, assumindo uma função mais ampla como agentes de promoção do desenvolvimento sustentável e de impacto social positivo.

No ano de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que incide em um manual de procedimentos pontuais para obter o desenvolvimento social, econômico e sustentável. A Agenda 2030 contém 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), Figura 1, que envolvem a dignidade e a igualdade entre os indivíduos como fator principal para alcançar os objetivos. A (ODS) 17, como por exemplo, sugere uma parceria entre nações através do compartilhamento de recursos financeiros, tecnologia e corpo técnico entre distintos setores com o intuito de assegurar o desenvolvimento sustentável.

Figura 1 – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).



Fonte: Organização das Nações Unidas – ONU (BRASIL, 2024).

Segundo Roma (2019) as (ODS) são um desdobramento dos Objetivos do Milênio (ODM), também denominadas de: metas do milênio (Figura 2), que foram instituídas pela (ONU) em 2000, e tinham o objetivo de proporcionar o avanço global em direção à erradicação da miséria extrema e ainda da fome mundial, demandas que impactavam especialmente os grupos mais vulneráveis das nações menos desenvolvidas.

Figura 2 – Metas do Milênio.



Fonte: Objetivos do Desenvolvimento do Milênio – ODM (BRASIL, 2024).

Assim sendo, é perceptível a relação equivalente entre (ODS) e (ESG). Contudo, Rodrigues (2021) afirma que o (ESG) condiz aos indicadores ambientais, sociais e de governança da empresa, de modo que os (ODS) estão nas ações globais e no mercado empresarial. Porém, ao adotar práticas (ESG), a empresa está desenvolvendo uma ajuda para os (ODS), como notado na Figura 3, onde é possível constatar a (ODS) 6: Água Potável e Saneamento, integrada ao fator Meio Ambiente e ao fator Social, ou a (ODS) 12: Consumo e Produção Sustentáveis, envolvidas nos aspectos Meio Ambiente e Governança.

Figura 3 – Relação entre (ODS) e (ESG).



Fonte: Perfil do O Beabá da Sustentabilidade no Twitter (@DaBeaba) 2022.

Na conjuntura prática das empresas a aplicação da relação entre (ODS) e (ESG) pode ser demonstrada em ações. Como por exemplo, no aspecto Ambiental, o (ODS) 7 possui como meta a acessibilidade à energia para todos, desse modo, as empresas podem promover ações de diminuição do consumo de energia nos processos produtivos e o investimento em energias renováveis. (Araújo Filho, 2024)

No entanto, o aspecto Social, o (ODS) 5 traz a igualdade entre os gêneros, para obter esse objetivo as organizações podem constituir igualdade salarial para homens e mulheres, mas com a mesma função e sugerir programas de liderança feminina. (Araújo Filho, 2024)

Logo para o pilar Governança, a (ODS) 16 enfatiza uma estrutura de governança eficaz, deste modo, as empresas podem adotar práticas anticorrupção e suborno, proporcionar canais de denúncia anônima e ainda publicar relatórios anuais de dados e informações financeiras e não financeiras, assegurando a transparência. (Araújo Filho, 2024)

Portanto, o avanço das discussões globais sobre mudanças climáticas, responsabilidade social e ética corporativa impulsionou a consolidação do (ESG) como um critério relevante para avaliar riscos e oportunidades nos negócios. Assim, o (ESG) passou a desempenhar um papel estratégico nas empresas, influenciando sua reputação, sua relação com investidores e sua valorização no mercado de capitais, especialmente em bolsas como a B3. Entender esse histórico é fundamental para contextualizar a importância da certificação ambiental e outros mecanismos que reforçam o compromisso das empresas com práticas sustentáveis e transparentes.

2.2 Aspectos (ESG)

Conforme Lourenço (2021), uma empresa que implanta os princípios de (ESG) adota assim uma abordagem de excelência em suas operações e precisa estar dedicada a questões de sustentabilidade ambiental, responsabilidade social e governança corporativa, inserindo iniciativas que procurem proteger e proporcionar os valores subjacentes à sigla (ESG).

Assim sendo, o conceito de (ESG): está ajustada nas ações onde uma empresa executa, nos aspectos ambientais, sociais e de governança, que possam oca-

sionar impacto financeiro, positivo ou negativo, na empresa. Assim, os aspectos podem ser conceituados como:

- III. Ambiental: Questões ambientais que possam impactar no desempenho financeiro da empresa;
- II. Social: Questões sociais que possam impactar no desempenho financeiro da empresa;
- III. Governança: Questões de governança corporativas que possam impactar no desempenho financeiro da empresa. (Araújo Filho, 2024, p. 18).

Dessa forma, cada aspecto tem uma definição específica e também um conjunto de ações que são de forma usual usadas como indicadores para aquele critério, segundo expresso no Quadro 1.

Quadro 1 – Aspectos do (ESG).

Aspecto	Definição	Ações
Ambiental (E)	É a forma como a empresa aplica ações com o objetivo de reduzir os impactos ambientais, preservar o meio ambiente e usar conscientemente os recursos naturais.	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão de resíduos sólidos e efluentes • Uso de energias renováveis • Monitoramento da poluição atmosférica • Emissão de Gases do Efeito Estufa • Uso racional da água • Reuso da água • Logística Reversa • Educação Ambiental • Conservação da biodiversidade
Social (S)	É a forma como a empresa aplica ações de relacionamento com os colaboradores e com a sociedade externa objetivando o bem-estar social.	<ul style="list-style-type: none"> • Bem-estar social • Diversidade e inclusão • Boas condições de trabalho • Saúde e Segurança do trabalho • Capacitação de colaboradores • Política contra assédio e abusos • Benefícios e Remuneração • Política antidiscriminação
Governança (G)	É a forma como a empresa aplica ações administrativas com o objetivo de operar suas atividades com integridade e ética.	<ul style="list-style-type: none"> • Transparência • Conduta corporativa • Diversidade no conselho • Política anticorrupção e fraudes • Engajamento de Gestores • Prestação de contas • Ética e Conduta

Fonte: Araújo Filho (2024 p. 18-19).

Contudo, a análise dos três pilares do (ESG) — ambiental, social e de governança — revela como esses critérios se complementam na construção de empresas mais responsáveis, éticas e preparadas para os desafios contemporâneos. O aspecto ambiental trata da forma como as organizações lidam com os impactos que causam ao meio ambiente, promovendo ações voltadas à sustentabilidade e à mitigação de riscos ecológicos. O aspecto social envolve a relação com colaboradores, comunidades e demais *stakeholders*, priorizando o respeito aos direitos humanos, a diversidade e o bem-estar coletivo. Já a governança corporativa assegura a transparência, a integridade dos processos internos e o comprometimento com práticas éticas e de conformidade.

2.3 O conceito de Materialidade no ESG

Na totalidade do ESG, a ABNT PR 2030 (2022) conceitua a Materialidade como a: Atribuição de um tópico verificada pela relevância do seu impacto econômico, ambiental, social, seja ele positivo ou negativo, nas avaliações e decisões dos gestores da organização e ainda de suas partes interessadas. Isto é, uma maneira de estabelecer quais as questões ambientais, sociais e de governança são mais relevantes para a empresa e os seus *stakeholders* (partes interessadas) enfocarem. Esses, os *stakeholders* são os funcionários, comunidade externa, clientes, acionistas, fornecedores de uma empresa. Entretanto, é possível identificar novas oportunidades de negócio, tendo em vista que se podem determinar as ações que exigem prioridade, engajamento e ainda investimentos (SEBRAE, 2023).

Para mapear e assim avaliar as questões de impacto com maior importância pertinentes aos critérios ESG nas empresas, usa-se como instrumento a: Matriz de Materialidade, que apareceu como um elemento do Relatório de Sustentabilidade, elaborado partindo-se das diretrizes da *Global Report Initiative* (GRI, 2002), demonstrada na Figura 4.

Figura 4 - Exemplo de Matriz de Materialidade.



Fonte: Humanizadas (2023).

Segundo Ayres, Bonifácio e Silva (2020), as empresas fazem contestação a abordagem da sustentabilidade em seus negócios em virtude à diversidade e ao elevado número de aspectos que o tema abrange, assegurando ser complicado estabelecer o que é mais importante a ser abordado.

Dessa forma, a Matriz de Materialidade ainda ajuda na elaboração de uma estratégia de sustentabilidade mais eficaz e enfocada.

2.4 Certificações (ESG)

As certificações (ESG) surgem como instrumentos fundamentais para atestar o comprometimento das organizações com práticas sustentáveis e socialmente responsáveis. Elas funcionam como mecanismos de verificação externa e contribuem para fortalecer a transparência, padronização e confiabilidade das ações corporativas alinhadas aos critérios ambientais, sociais e de governança. (Silva; Oliveira; Rodrigues, 2021)

No âmbito ambiental, uma das certificações mais reconhecidas é a (ISO) 14001, norma internacional que define requisitos para a implementação de sistemas de gestão ambiental. Sua adoção visa ajudar as empresas a reduzir impactos negativos no meio ambiente, cumprir com exigências legais e promover a melhoria contínua dos processos produtivos. (ABNT, 2015)

Quanto ao pilar social, destaca-se a SA8000, desenvolvida pela *Social Accountability International* (SAI). Essa certificação estabelece padrões voltados à promoção de condições dignas de trabalho, incluindo o combate ao trabalho infantil e forçado, a garantia da liberdade de associação e a promoção de um ambiente de trabalho seguro e saudável. (SAI, 2023)

No que diz respeito à governança corporativa, embora não exista uma certificação universal, diversas organizações seguem diretrizes como o Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC). Esse código orienta a estruturação dos conselhos, a transparência na gestão, a equidade entre os *stakeholders* e a responsabilidade corporativa. (IBGC, 2022)

Além dessas certificações específicas por dimensão, existem selos que integram os três pilares (ESG). A certificação B Corporation, promovida pelo B Lab, avalia o desempenho global de empresas quanto ao seu impacto ambiental, social e modelo de governança. Para obtê-la, a organização deve demonstrar boas práticas em todas essas frentes e assumir compromissos legais com a criação de valor para todos os públicos envolvidos, e não apenas para os acionistas (B LAB, 2023).

Outra certificação amplamente reconhecida no setor imobiliário e de infraestrutura é o *Global Real Estate Sustainability Benchmark* (GRESB), que avalia o desempenho (ESG) de fundos de investimento e ativos físicos. Utilizado por investidores institucionais, o (GRESB) fornece uma análise detalhada sobre riscos e oportunidades ligados à sustentabilidade nesses setores. (GRESB, 2023)

Portanto, as certificações (ESG) são recursos estratégicos que auxiliam empresas a se posicionarem frente às exigências de um mercado cada vez mais voltado à responsabilidade socioambiental. Ao mesmo tempo, são um indicativo confiável para investidores, consumidores e parceiros que buscam alinhar seus valores às práticas das organizações com as quais se relacionam.

No Quadro 2 é apresentado as certificações com aspecto (ESG) no Brasil.

Quadro 2 - Certificações com aspecto (ESG) identificadas no Brasil.

Certificação	Ano de criação	Descrição/Setor	Origem	Certificadora	Principal aspecto (ESG)
Empresa B	2006	Gestão ESG	Estados Unidos	Conselho Consultivo de Normas interno	(ESG)
(BV SG) 360	2021	Gestão ESG	Brasil	<i>Bureau Veritas</i>	(ESG)
(ESG-FIEC)	2022	Gestão ESG	Brasil	<i>Bureau Veritas</i>	(ESG)
<i>Fair Labor Accreditation</i>	1999	Direitos Trabalhistas	Estados Unidos	Conselho Administrativo interno	(S, G)
<i>Forest Stewardship Council (FSC)</i>	1993	Indústria Florestal Sustentável	Canadá	<i>Bureau Veritas, Control Union, Imaflo, Neocert e SCS/Sysflor</i>	(E)
<i>Great Place to Work (GPTW)</i>	1984	Ambiente de Trabalho	Estados Unidos	<i>Instituto Great Place to Work</i>	(S)
<i>Green Key</i>	1994	Acomodações Sustentáveis	Dinamarca	Audidores credenciados pelo <i>Green Key</i>	(E)
(ISO) 14001	1996	Gestão Ambiental	Canadá	Organismo acreditado junto ao Inmetro	(E)
(ISO/IEC) 27001	2005	Gestão da Segurança da Informação	Reino Unido	Organismo acreditado junto ao Inmetro	(G)
(ISO) 37001	2016	Gestão Antissuborno	Reino Unido	Organismo acreditado junto ao Inmetro	(G)
(ISO) 45001	2018	Gestão em Segurança do Trabalho	Reino Unido	Organismo acreditado junto ao Inmetro	(S)
(ISO) 50001	2011	Gestão de Energia	Estados Unidos, Brasil, China e Reino Unido	Organismo acreditado junto ao Inmetro	(E)
(ISO) 9001	1987	Gestão da Qualidade	Alemanha	Organismo acreditado junto ao Inmetro	(ESG)
<i>Leadership in Energy and Environmental Design (LEED)</i>	1998	Construção Civil Sustentável	Estados Unidos	<i>U.S. Green Building Council</i>	(E)
Produto Orgânico Brasil	2003	Agricultura Orgânica	Brasil	Organismo credenciado junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento	(E)
(SA8000)	1997	Direitos Trabalhistas	Estados Unidos	<i>Social Accountability International</i>	(S)

2030 <i>Today</i>	2019	Gestão (ESG)	Brasil	<i>Société Générale de Surveillance (SGS)</i>	(ESG)
-------------------	------	--------------	--------	---	-------

Fonte: Araújo Filho (2024, p. 28-30).

Dessa forma, as certificações (ESG) representam um instrumento estratégico que reforça o compromisso das empresas com práticas sustentáveis, éticas e transparentes. Por meio de selos e auditorias reconhecidas nacional e internacionalmente, as organizações podem demonstrar, de forma concreta e verificável, sua aderência aos critérios ambientais, sociais e de governança. Esses mecanismos não apenas legitimam o discurso corporativo, mas também fortalecem a confiança de investidores, consumidores e demais partes interessadas.

Além de contribuírem para a mitigação de riscos socioambientais, as certificações ESG têm se mostrado um diferencial competitivo relevante no mercado financeiro, especialmente para empresas listadas em bolsas como a B3.

Contudo, promoverem maior transparência e responsabilidade, essas certificações ampliam o acesso a capital, melhoram a reputação institucional e favorecem a construção de uma imagem empresarial alinhada às demandas da sociedade contemporânea. Dessa forma, tornam-se aliadas indispensáveis na consolidação de modelos de negócio mais resilientes e sustentáveis.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de compreender como a certificação ambiental influencia a atuação de empresas listadas na B3 no âmbito das práticas (ESG). A pesquisa qualitativa é apropriada quando se busca interpretar fenômenos complexos e contextualizados, permitindo uma análise aprofundada de significados e percepções. (Minayo, 2010)

Optou-se pelo método de estudo de múltiplos casos, com foco em empresas de capital aberto que adotam certificações ambientais reconhecidas, como a (ISO) 14001, *Forest Stewardship Council (FSC)* e certificações específicas do setor energético, como o (I-REC). A seleção das empresas foi feita de forma intencional, considerando critérios como porte, atuação em setores com maior impacto ambiental e presença em índices de sustentabilidade da B3, como o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3). Conforme Yin (2015), o estudo de caso é indicado quando se deseja examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos.

A coleta de dados foi realizada por meio de análise documental, envolvendo relatórios de sustentabilidade, demonstrações financeiras, comunicados ao mercado e informações disponíveis nos websites institucionais das empresas. Também foram consideradas análises de risco (ESG) elaboradas por consultorias independentes e instituições financeiras. A análise documental é um recurso importante para examinar conteúdos produzidos pelas próprias organizações e compreender suas práticas e estratégias. (Cellard, 2008)

Os dados foram organizados e interpretados com base na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que permite a identificação de categorias temáticas relacionadas aos pilares do (ESG), com ênfase na dimensão ambiental. Essa técnica facilita a organização sistemática das informações, permi-

tindo a interpretação crítica de aspectos recorrentes e de suas possíveis implicações estratégicas.

A escolha dessa metodologia justifica-se pela necessidade de compreender, de forma contextualizada, como a certificação ambiental é incorporada às estratégias corporativas e qual seu impacto nas dimensões de reputação, desempenho financeiro e relacionamento com *stakeholders*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise documental das empresas selecionadas — todas listadas na B3 e possuidoras de certificações ambientais reconhecidas — revelou padrões significativos no que se refere à adoção de práticas ambientais no contexto (ESG). Os dados obtidos nos relatórios de sustentabilidade, informes financeiros e websites institucionais indicaram três grandes tendências: (i) uso estratégico da certificação como ferramenta de governança ambiental; (ii) associação direta entre certificações e performance reputacional; e (iii) relação positiva entre práticas ambientais certificadas e presença em carteiras de investimento sustentável.

No mês de maio de 2025 entrou em vigor a 20ª carteira do ISE B3, que reúne 82 empresas, que pertencem a 40 setores. No Quadro 3 estão descritos os nomes destas empresas.

Quadro 3 - 82 empresas listadas na nova carteira 2025.

Aeris	Allos	Ambev	Ambipar	Assaí	Auren
Azul	Azzas 2154	B3	Banco do Brasil	Banco Pan	Bradesco
BRF	BTG Pactual	C&A Modas	Camil Alimentos	Carrefour	Casas Bahia
Cemig	Cia Brasileira de Alumínio	Cia Brasileira de Distribuição	Cogna Educação	Copasa	Copel
Cosan	CPFL	Cyrela	Dexco	Ecorodovias	Eletróbrás
Eneva	Engie	Equatorial	Fleury	Gafisa	Guararapes
Hidrovias do Brasil	Hypera	Iguatemi	lochpe Maxion	Irani Papel e Embalagem	ISA Energia
Itaú Unibanco	Itausa	JSL	Klabin	Lojas Quero-Quero	Lojas Renner
M. Dias Branco	Magazine Luiza	Minerva	Mitre Realty	Motiva	Movida
MRV	Natura	Neoenergia	OceanPact,	Odontoprev	Portobello
Porto Seguro	Raia Drogasil	Raízen	Rede D'Or	Rumo	Sabesp
Sanepar	Santander	Santos Brasil	Serena	Simpar	SLC Agrícola
Telefônica	Tim	Três Tentos	Ultrapar	Usiminas	Vamos
Vibra	Weg	Wilson Sons	Yduqs		

Fonte: ISE B3 (2025)

De acordo com os dados atualizados, 94% das empresas afirmaram que usam a Agenda 2030 assim como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como base para identificar e integrar aspectos importantes de sustentabilidade em seus negócios. Entretanto, 88% afirmaram ter desenvolvido uma análise de materialidade para identificar os (ODS) prioritários, e 91% tem processos definidos e em curso para assim integrar os (ODS) às suas estratégias, metas e resultados desejados. (ISE B3, 2025)

Para a carteira 2024, os 5 (ODS) mais priorizados pelas empresas, isto é, que são relativos aos impactos da atividade da organização sobre os (ODS) (não condiz

a avaliação da relevância que a companhia dá a cada tema), as quais forma: ação contra a mudança global do clima; trabalho decente e crescimento econômico; consumo e produção responsáveis; igualdade de gênero; e redução das desigualdades. (ISE B3, 2025)

Esses dados refletem o compromisso crescente das empresas brasileiras com a sustentabilidade e a responsabilidade social, alinhando suas operações aos princípios estabelecidos pela (ONU) para promover um desenvolvimento mais inclusivo e sustentável.

Os menos priorizados foram: erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; vida na água; vida terrestre; e água potável e saneamento. (ISE B3, 2025). Esses dados indicam que, embora haja um reconhecimento crescente da importância dos (ODS), certos objetivos, especialmente os de caráter social e ambiental mais amplo, ainda recebem atenção limitada por parte das empresas brasileiras. Isso ressalta a necessidade de uma abordagem mais integrada e abrangente para alcançar os compromissos da Agenda 2030.

A certificação ambiental tem sido utilizada pelas empresas como parte integrante dos seus sistemas de gestão, atuando como uma ferramenta que fortalece a governança ambiental. A (ISO) 14001, por exemplo, foi mencionada em todos os relatórios analisados como um diferencial na estrutura de gestão dos impactos ambientais e na conformidade com normas legais e regulatórias. Segundo Hart (1995), a adoção de uma abordagem baseada em recursos naturais fortalece a posição estratégica das empresas ao permitir inovação ecológica e prevenção de riscos operacionais.

A presença de sistemas auditáveis e monitoráveis também foi destacada como fator de transparência na relação com investidores e *stakeholders*. Nesse sentido, Porter e Kramer (2011) argumentam que práticas sustentáveis integradas à estratégia corporativa criam valor compartilhado e reforçam a legitimidade organizacional frente à sociedade.

No período de 2024 a 2025, a certificação ambiental tem se consolidado como uma prática estratégica entre as empresas listadas na B3, refletindo um compromisso crescente com a sustentabilidade e a governança corporativa. A adoção de normas como a (ISO) 14001 tem sido observada em diversos setores, evidenciando a integração das práticas ambientais às operações empresariais.

A empresa ISA Energia Brasil, expandiu sua certificação (ISO) 14001 para 55 subestações, abrangendo 44% de seu parque instalado. O plano é certificar 100% das subestações até 2030, destacando o compromisso com a gestão ambiental e a eficiência operacional. (ISA Energia, 2025)

A empresa PPA é a maior indústria de automatizadores da América Latina obteve a certificação (ISO) 14001 em dezembro de 2024, reconhecendo seu compromisso com as políticas de preservação ambiental. (PPA, 2024)

A Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) foi reconhecida pela B3 com a certificação "Ações Verdes", tornando-se a primeira empresa brasileira a receber essa distinção, que atesta a contribuição para a economia verde.

A certificação ambiental tem se consolidado como uma ferramenta essencial para as empresas listadas na B3, promovendo a integração das práticas sustentáveis às estratégias corporativas. Embora haja avanços significativos, é fundamental que as empresas ampliem a adoção de auditorias externas e aprimorem o monitoramento de suas emissões para garantir a transparência e a eficácia de suas ações ambientais.

A análise também mostrou que as certificações ambientais são frequentemente destacadas nos materiais de comunicação corporativa, como relatórios anuais, websites e campanhas institucionais. Esse movimento reforça o papel da certificação como ativo simbólico de reputação. Em especial, empresas do setor de energia, papel e celulose e agronegócio utilizam selos como o (FSC) e o (I-REC) não apenas como prova de conformidade ambiental, mas também como elemento central em sua narrativa de sustentabilidade.

Conforme argumenta Delmas e Burbano (2011), certificações legítimas e verificáveis contribuem para reduzir o risco de “*greenwashing*” e aumentam a confiança dos investidores. A reputação, nesse contexto, passa a ser um ativo intangível de grande valor, especialmente em mercados que valorizam práticas éticas e sustentáveis.

A adoção de práticas sustentáveis e a obtenção de certificações ambientais têm gerado impactos significativos na reputação das empresas, sobretudo aquelas listadas em bolsas de valores, como a B3. A certificação (ISO) 14001, por exemplo, é frequentemente usada como instrumento de gestão que evidencia o compromisso das organizações com a redução de seus impactos ambientais, o que tende a melhorar a percepção de *stakeholders* internos e externos. (ISO, 2023)

Segundo pesquisa da consultoria EY (2023), cerca de 79% dos investidores institucionais consideram as informações (ESG) (ambiental, social e de governança) como essenciais no processo de tomada de decisão. A mesma pesquisa aponta que investidores estão dispostos a penalizar empresas que não demonstram responsabilidade ambiental, o que reforça o papel da reputação como ativo estratégico.

O Instituto FSB (2023), em relatório sobre tendências de reputação corporativa, destaca que consumidores estão cada vez mais atentos à autenticidade das ações ambientais comunicadas pelas empresas. Para 67% dos entrevistados, a reputação de uma marca está diretamente associada à sua atuação social e ambiental, sendo que ações consideradas “*greenwashing*” podem provocar reações negativas imediatas e duradouras.

Em relação à comunicação com o mercado, a clareza e a veracidade das informações divulgadas são determinantes. A ausência de auditoria em relatórios de sustentabilidade, por exemplo, ainda é um desafio: segundo levantamento da consultoria Bells e Bayes (2024), apenas 29% dos relatórios de empresas do Novo Mercado da B3 passaram por auditoria externa, o que pode comprometer a credibilidade das práticas divulgadas.

Nesse sentido, a reputação não está apenas ligada ao que a empresa faz, mas também a como comunica o que faz. Como destacam Freeman, Harrison e Wicks (2007), a transparência e o diálogo com *stakeholders* são pilares fundamentais da governança corporativa moderna e sustentam relações duradouras de confiança e legitimidade.

Portanto, certificações ambientais e práticas de sustentabilidade comunicadas de forma transparente constituem não apenas uma resposta a demandas regulatórias, mas também uma estratégia reputacional que contribui para a valorização da marca, atração de investimentos e fidelização de clientes.

Outro achado relevante desta pesquisa foi a recorrente presença das empresas certificadas em índices de sustentabilidade, como o (ISE) B3. Empresas que combinam práticas ambientais robustas com governança eficaz e responsabilidade social tendem a atrair fundos de investimento (ESG), além de apresentarem menor volatilidade nas ações, conforme já demonstrado por Eccles, Ioannou e Serafeim (2014).

Além disso, empresas com práticas ambientais certificadas relataram ganhos operacionais, como redução de custos com consumo de água e energia, diminuição de passivos ambientais e melhora na eficiência de processos. Tais resultados vão ao encontro da perspectiva de Porter e Van Der Linde (1995), que defendem que inovações ambientais, quando bem implementadas, não apenas reduzem impactos negativos, mas também aumentam a competitividade empresarial.

Apesar dos benefícios observados, a análise revelou que algumas empresas tratam a certificação ambiental mais como um requisito formal do que como uma ferramenta de transformação organizacional. Por exemplo, a empresa CAO, montadora de veículos, mantém a certificação (ISO) 14001 em sua planta de Anápolis há cinco anos, mas a abordagem adotada parece ser mais voltada para atender a exigências do que para promover mudanças significativas em sua gestão ambiental.

Outro caso é o da Brasmetal Waelzholz, indústria brasileira com sede em Diadema, que obteve a certificação (ISO) 14001 na década de 2000. Embora a empresa tenha parcerias com instituições acadêmicas e desenvolva ações sociais, como o prêmio Brasmetal Waelzholz para trabalhos de iniciação científica, a implementação da certificação ambiental não é descrita como um elemento central em sua estratégia de negócios.

Esses exemplos indicam que, em algumas organizações, a certificação ambiental é vista mais como uma formalidade para cumprir requisitos do que como uma oportunidade para impulsionar melhorias contínuas e integrar práticas sustentáveis na cultura organizacional.

Isso reforça o alerta de Del Maso (2021) sobre o risco da adoção superficial de práticas (ESG) — o chamado "(ESG) de fachada". Tais casos levantam preocupações sobre a efetividade real das certificações quando não acompanhadas de metas claras, indicadores de desempenho e engajamento dos altos escalões da empresa.

No entanto, a análise dos dados referentes às empresas listadas na B3 revelou que a adoção do selo (ESG) tem se consolidado como um importante fator na melhoria dos processos contábeis, refletindo diretamente na qualidade das informações financeiras e na gestão dos riscos ambientais e sociais.

Conforme o relatório da B3 (2024), 68% das companhias listadas utilizam o selo (ESG) como referência para aprimorar suas práticas de governança e sustentabilidade, incorporando essas diretrizes nos seus sistemas contábeis. Esse percentual demonstra um avanço significativo em relação a anos anteriores, indicando uma maior conscientização da relevância da contabilidade (ESG) para a transparência corporativa.

Além disso, segundo dados da Deloitte (2024), 75% das empresas com selo (ESG) realizam análises de materialidade integradas, que envolvem a área contábil, permitindo a identificação e mensuração dos riscos socioambientais com impacto financeiro. Essa integração contribui para o reconhecimento e registro adequado de provisões para passivos ambientais, investimentos em mitigação de impactos e despesas relacionadas a projetos sustentáveis.

No âmbito dos resultados financeiros, estudos mostram que empresas certificadas com o selo (ESG) tendem a apresentar menor volatilidade nas ações e maior valorização de mercado (Eccles; Ioannou; Serafeim, 2014), evidenciando que a contabilidade integrada aos critérios (ESG) não apenas melhora a governança, mas também agrega valor aos acionistas.

Empresas como Natura &Co e Itaú Unibanco exemplificam essa tendência, apresentando em seus relatórios integrados uma contabilidade detalhada que

abrange custos ambientais, provisões para passivos socioambientais e investimentos em inovação sustentável, alinhados às normas internacionais do IFRS. (Natura &Co, 2024; Itaú Unibanco, 2024)

Portanto, os resultados indicam que a certificação e o selo (ESG) vêm impulsionando transformações na contabilidade das empresas listadas na B3, promovendo maior transparência, conformidade regulatória e eficiência na gestão dos recursos e riscos ambientais e sociais.

Os resultados evidenciam que a adoção do selo (ESG) pelas empresas listadas na B3 tem exercido um papel crucial na transformação das práticas contábeis, especialmente no que diz respeito à transparência, governança e gestão de riscos socioambientais. A integração dos critérios (ESG) na contabilidade corporativa reforça a confiabilidade das informações financeiras, como já destacam Eccles, Ioannou e Serafeim (2014), que apontam uma correlação positiva entre sustentabilidade corporativa e desempenho financeiro sustentável.

A presença do selo (ESG), adotado por cerca de 68% das empresas na B3 (B3, 2024), indica uma tendência clara de incorporação dos aspectos ambientais, sociais e de governança no processo contábil. Isso é essencial para que os relatórios financeiros reflitam os riscos e oportunidades vinculados às práticas sustentáveis, o que está em linha com as diretrizes do IFRS para divulgação de informações não financeiras (IFRS Foundation, 2023).

Além disso, os dados da Deloitte (2024) mostram que 75% das empresas com selo (ESG) realizam análises de materialidade integradas entre as áreas contábil, ambiental e de governança. Tal integração promove maior acuracidade no reconhecimento de passivos ambientais e investimentos em sustentabilidade, permitindo um melhor planejamento estratégico e mitigação de riscos. A adoção dessas práticas contábeis é fundamental para atender às demandas dos investidores, que cada vez mais valorizam empresas que demonstram compromisso real com a sustentabilidade.

A análise também sugere que empresas com certificação (ESG) apresentam menor volatilidade em seus papéis e melhor percepção de valor no mercado financeiro (Eccles; Ioannou; Serafeim, 2014). A contabilidade, portanto, não atua apenas como registro formal, mas como ferramenta estratégica que agrega valor e fortalece a reputação corporativa.

Na Tabela 1 mostra empresas listadas na B3, as certificações ESG adotadas, impactos e desafios relatados, são apresentados resultados referentes a cinco primeiras empresas do ranking da carteira do mês de maio de 2025.

Tabela 1 - Empresas, certificações adotadas, impactos e desafios.

Empresa	Certificações	Impactos	Desafios
TIM S.A.	<p>Ambiental: ISO 14001 CDP "A-List" SBTi – Science Based Targets Geração distribuída e energia renovável.</p> <p>Social: Pacto Global da ONU (desde 2008) e UN Women (desde 2021) ISO 9001 ISO 27001</p>	<p>Redução de emissões.</p> <p>Cobertura e inclusão digital.</p> <p>Diversidade na liderança.</p> <p>Reconhecimento ESG.</p>	<p>Escopo 3: suas emissões abrangem compras, bens de capital e uso dos produtos vendidos – redução demanda coordenação intensa da cadeia.</p> <p>Qualidade na experiência do cliente.</p> <p>Cobertura efetiva.</p> <p>Percepção pública.</p>

	ISO 37001 Prêmios e índices de reputação		
	Governança: ISO 37001 (antissuborno) e ISO 27001 (cibersegurança)		
Neoenergia S.A.	Ambientais: ISO 14001 CDP: Avaliação “A-” em Clima e “B” em Segurança Hídrica desde 2021/2022 FTSE4Good.	Redução de 30% nas emissões de GEE até 2030 (base 2017) e neutralidade climática até 2040. Digitalização e transição energética.	Qualidade da rede e atendimento. Desempenho desigual das distribuidoras. Burocracia em conexões solares.
	Governança: ISE-B3	Mulheres em liderança. Diversidade racial. Investimento social.	Risco ambiental local em parques eólicos.
Lojas Renner S.A.	Ambiental: ISO 14001 ISE B3, MSCI ESG AA, FTSE4Good (4,1/5), Sustainalytics (baixo risco) e presença no S&P Sustainability Yearbook desde 2018.	Redução de 35,4% das emissões corporativas de CO ₂ (2017–2021). 100% de consumo de energia renovável corporativa, superando a meta de 75% prevista.	Moda inclusiva limitada. Preços percebidos como altos em relação à qualidade. Atendimento e sistemas digitais.
	Social & Governança: Idiversa B3	Sustentabilidade de produtos. Circularidade.	
Engie Brasil Energia S.A.	Ambiental: ISO 9001 14001 OHSAS 18001	37,5% de queda nas emissões de GEE. Redução de 76% no consumo de água por energia.	Escopo 3: emissões indiretas — cadeia de fornecedores – exigem aprofundamento do programa de descarbonização.
	Governança: ISE-B3	Recuperação de 80% dos resíduos. Investimento recorde de R\$ 9,7 bi em 2024 (1,2 GW renovável), com previsão de R\$ 8,5 bi até 2027.	Riscos em hidrelétricas Dependência de gás natural Antecipar volatilidade do mercado.
		Descarbonização da cadeia.	
Ambipar Participações e Empreendimentos S/A	Ambiental: CDP A-List Clima (2024)	Avanços climáticos: Redução significativa de emissões (escopos 1–2); adoção de	Escopo 3: ainda em desenvolvimento do inventário completo, com necessidade de

SBTi ISO 14001, 9001, 45001, 22320, além de SASSMAQ, TFS e participação no Pacto Global	energias renováveis em todas as unidades via certificação I-REC	maior engajamento da cadeia de fornecedores
Ambipar Certification	Economia circular: Inovação sustentável	Padronização global: Ampliação da certifica- ção
Governança: GRI, SASB, ISSB e IIRC; ISE-B3	Biodiversidade e se- questro de carbono	
	Inclusão social: Cerca de 40% de mulheres em cargos de lideran- ça no Brasil	

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

A TIM S.A. construiu uma base robusta em ESG por meio de certificações como ISO 14001, 27001 e 37001, iniciativas climáticas ambiciosas (CDP, SBTi, TCFD) e metas socioambientais claras. Os impactos são evidentes: forte redução de emissões, expansão da conectividade e avanços na diversidade e governança.

Porém, os desafios ainda incluem: diminuir emissões no escopo 3; melhorar a qualidade real do serviço mesmo em áreas cobertas; e resolver atritos com clientes — especialmente em faturamento e atendimento.

O próximo foco deve ser: transformar "rede disponível" em serviço eficaz e aprimorar a experiência do usuário, mantendo a governança e a transparência que a empresa cultiva.

A Neoenergia está bem estruturada do ponto de vista ESG, com certificações robustas (ISO 14001, CDP, FTSE4Good) e metas ambiciosas, sobretudo em renováveis, biossegurança, diversidade e digitalização. Seus impactos são positivos: queda nas emissões, investimentos nas comunidades e avanço na governança.

Contudo, enfrenta desafios operacionais — especialmente no serviço elétrico fornecido, atendimento ao consumidor, desempenho financeiro local e impactos socioambientais da eólica — que precisam ser endereçados para consolidar sua liderança ESG.

A Lojas Renner S.A. se destaca com certificações fortes (ISO 14001, CDP A-List, DJSI), metas claras e impactos significativos, especialmente na redução de emissões, energia renovável, sustentabilidade de produtos e diversidade. Por outro lado, enfrenta desafios relevantes em atender públicos fora dos padrões, justificar preços premium e aprimorar a experiência digital e humana de atendimento.

A Engie Brasil Energia está posicionada como líder em transição energética e gestão ESG no setor elétrico brasileiro. Com uma carteira totalmente renovável, premiações internacionais (CDP, CSA/S&P, DJSI), e práticas concretas de gestão da água e biodiversidade, a empresa se destaca. Os impactos são claros: redução substancial de emissões, resiliência hídrica, dinamismo em infraestrutura verde e fomento à cadeia de baixo carbono.

Por outro lado, precisa avançar no monitoramento do Escopo 3, lidar com passivos históricos em hidrelétricas, administrar a transição entre fontes energéticas e sustentar as expectativas do mercado financeiro — especialmente em preço vs. desempenho contínuo.

A Ambipar emerge como referência global em ESG e gestão ambiental, com certificações robustas (CDP A-List, SBTi, ISO), soluções inovadoras em economia

circular e ferramentas de monitoramento climático. Os impactos atingem tanto o clima quanto inovação e inclusão socioambiental.

Os principais desafios envolvem consolidar o inventário do escopo 3, escalar tecnologias de gestão ESG globalmente e ampliar o alcance do Selo Verde e auditorias para reforçar credibilidade e padrões elevados.

No quadro 4 são as apresentadas as convergências entre as empresas analisadas.

Quadro 4 – Convergências entre as empresas analisadas.

Convergências	
Compromisso com a descarbonização	Todas as empresas possuem metas Net Zero ou de neutralidade de carbono até 2040–2050. TIM: Net Zero até 2040. Neoenergia e Engie: Reduções relevantes de GEE, com forte atuação em energia renovável. Renner: Neutralização operacional já atingida desde 2016. Ambipar: Metas SBTi aprovadas e foco em energia limpa e circularidade.
Certificações internacionais reconhecidas	Todas têm certificações (ESG) reconhecidas, como: ISO 14001/9001 (ambiente/qualidade). CDP (principalmente em Clima e Água). ISE-B3 e/ou Dow Jones Sustainability Index. Empresas B (Natura &Co e Ambipar) destacam-se pelo modelo de impacto.
Transparência e relato ESG	As 5 publicam relatórios alinhados a GRI, SASB, TCFD e/ou ISSB, com métricas padronizadas e governança formal (comitês ESG, conselhos).
Inovação e economia circular	Ambipar, Renner e Natura (Grupo Natura &Co) têm iniciativas notáveis em embalagens sustentáveis, logística reversa e uso de insumos recicláveis. TIM, Engie e Neoenergia investem em digitalização da rede elétrica/telecom, com ganho de eficiência e menor impacto.
Inclusão e diversidade	Todas mantêm políticas ativas de: Aumento de mulheres e pessoas negras na liderança. Treinamento de ética, diversidade e inclusão. Compromissos com equidade salarial e metas de representatividade.

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

Como visto no quadro acima as empresas analisadas possuem diversas semelhanças entre si, como: compromisso com a descarbonização, certificações internacionais conhecidas, transparência e relato ESG, inovação e economia circular, a inclusão e diversidade.

Em relação as divergências no quadro 5 é mostrado as diferenças entre as empresas analisadas.

Quadro 5 – Divergências entre as empresas analisadas.

Eixo	TIM S.A.	Neoenergia S.A.	Engie Brasil	Lojas Renner S.A.	Ambipar S.A.
Setor de Atuação	Telecomunicações	Energia elétrica (geração/distribuição)	Energia elétrica (100% renovável)	Varejo de moda	Soluções ambientais / Resíduos / Resposta a emergências
Foco climático	Eficiência energética e Net Zero	Renováveis (hidro, eólica, solar)	Totalmente renovável desde 2023	Logística reversa e embalagens recicláveis	Circularidade e mitigação de impactos industriais
Natureza dos impactos	Digitalização da rede, torres e data centers	Atuação em comunidades e sustentabilidade hídrica	Preservação da biodiversidade	Moda inclusiva, refis e economia regenerativa	Tratamento e valorização de resíduos, resposta a crises
Desafios principais	Inclusão digital, escopo 3	Atendimento e qualidade da rede	Escopo 3 e passivos ambientais de grandes obras	Inclusividade real e ampliação circularidade	Escalar soluções e inventário de escopo 3

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

Embora com diferentes níveis de maturidade e escopos, todas as empresas analisadas apresentam forte aderência a princípios ESG. A convergência está em metas climáticas, gestão transparente e políticas de diversidade. Já as divergências refletem a natureza de cada setor: digital, energia, moda ou meio ambiente.

Portanto, a análise das empresas TIM S.A., Neoenergia S.A., Engie Brasil Energia S.A., Lojas Renner S.A. e Ambipar Participações e Empreendimentos S.A. revela que todas demonstram um comprometimento significativo com a agenda ESG, embora com foco e maturidade distintos, conforme suas áreas de atuação.

5 CONCLUSÃO

A análise dos dados permitiu constatar que a adoção do selo (ESG) está se consolidando como uma prática relevante entre as empresas listadas na B3, influenciando diretamente a forma como as organizações estruturam seus processos contábeis. A incorporação de critérios ambientais, sociais e de governança às rotinas contábeis reflete uma mudança no papel da contabilidade, que passa a atuar de maneira mais estratégica, contribuindo para o fortalecimento da governança corporativa e da transparência das informações financeiras.

Observou-se que a maioria das empresas com certificação (ESG) já integra os princípios da sustentabilidade à contabilidade, utilizando instrumentos como análise de materialidade, provisões para riscos ambientais e controle de investimentos sustentáveis. Esse movimento fortalece a capacidade das organizações de responder às exigências do mercado e aos desafios relacionados à responsabilidade socioambiental.

Além disso, a contabilidade passou a assumir uma função essencial na comunicação com investidores e demais *stakeholders*, ao oferecer dados mais completos e alinhados aos padrões contemporâneos de gestão empresarial. A articulação entre sustentabilidade e contabilidade demonstra que é possível alinhar desempe-

nho econômico com compromissos éticos e ambientais, promovendo uma atuação empresarial mais consciente e responsável.

Assim, o selo (ESG), quando aplicado de forma efetiva e integrada às práticas contábeis, pode representar não apenas uma certificação formal, mas um diferencial competitivo com impacto positivo na reputação, no valor de mercado e na perenidade das empresas.

Este estudo apresentou ainda uma análise sobre a importância da certificação ambiental dentro dos critérios (ESG) para empresas com ações na B3. No entanto, é importante reconhecer algumas limitações que influenciaram o desenvolvimento da pesquisa. Uma delas está relacionada à disponibilidade de informações padronizadas e atualizadas sobre as práticas ambientais das empresas, o que pode ter restringido a profundidade da análise. Além disso, o foco em empresas brasileiras limita a aplicação dos resultados a contextos internacionais ou a outras bolsas de valores.

Outra limitação relevante diz respeito à dificuldade de isolar os efeitos diretos da certificação ambiental sobre indicadores financeiros ou de imagem corporativa, considerando que esses resultados podem ser influenciados por diversos fatores internos e externos à empresa.

A análise comparativa das práticas de (ESG) (*Environmental, Social and Governance*) das empresas TIM S.A., Neoenergia S.A., Engie Brasil Energia S.A., Lojas Renner S.A. e Ambipar Participações e Empreendimentos S.A. permitiu identificar um cenário empresarial em que a sustentabilidade deixa de ser um diferencial e passa a constituir parte fundamental da estratégia corporativa. Cada empresa, a seu modo, demonstrou não apenas adesão às práticas de responsabilidade ambiental, social e de governança, como também esforços concretos para transformar seus modelos de negócio diante das exigências de uma economia mais justa, verde e resiliente.

Apesar de atuarem em setores distintos — telecomunicações, energia, moda e serviços ambientais — as empresas analisadas compartilham uma convergência em relação ao comprometimento com metas climáticas de médio e longo prazo. Todas elas estabeleceram metas de redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE), sendo algumas, como Engie e Ambipar, líderes setoriais em descarbonização. A TIM também vem consolidando sua atuação rumo à neutralidade climática, enquanto a Lojas Renner aposta fortemente na circularidade de produtos e logística reversa para mitigar impactos ambientais.

Outro ponto de convergência está na governança (ESG). Todas as empresas publicam relatórios de sustentabilidade alinhados a padrões reconhecidos, como (GRI, TCFD e SASB), e possuem comitês de sustentabilidade estruturados. A inclusão de indicadores não financeiros em suas prestações de contas evidencia o esforço em integrar o desempenho (ESG) ao centro das decisões corporativas.

Entretanto, as divergências entre elas refletem diretamente a natureza dos setores em que operam. Enquanto Engie e Neoenergia concentram seus investimentos em fontes renováveis e eficiência energética, Ambipar atua na mitigação e reversão direta de impactos ambientais por meio de soluções em resíduos e economia circular. Já a Lojas Renner foca seu diferencial sustentável na cadeia da moda e no relacionamento com fornecedores, priorizando práticas éticas, rastreabilidade e design sustentável. A TIM, por sua vez, enfrenta o desafio de adaptar um setor altamente dependente de infraestrutura e energia, buscando reduzir o impacto ambiental por meio de eficiência energética e modernização tecnológica.

No aspecto social, a diversidade e inclusão aparecem como valores centrais em todas as companhias. No entanto, há diferenças no grau de maturidade dessas

políticas, sendo mais avançadas nas empresas do setor de consumo e moda (como Renner e Ambipar), que possuem metas de equidade salarial, racial e de gênero mais robustas. Já nas empresas de energia e telecomunicações, observa-se uma evolução progressiva nesse campo, embora ainda existam lacunas a serem superadas, especialmente em cargos de alta liderança.

Por fim, vale destacar o desafio comum a todas: a mensuração, controle e mitigação das emissões do escopo 3 — aquelas que ocorrem na cadeia de valor, especialmente nos fornecedores e consumidores finais. Embora algumas já tenham estratégias estabelecidas para esse fim, a complexidade e o custo de implementação tornam essa uma agenda ainda em consolidação.

Diante do exposto, conclui-se que essas organizações não apenas reconhecem a importância dos fatores (ESG), mas vêm adotando práticas que colocam o Brasil em destaque no cenário corporativo internacional. A continuidade e o aprofundamento dessas iniciativas dependerão, sobretudo, da capacidade das empresas em inovar, engajar *stakeholders* e se adaptar aos riscos e oportunidades trazidos pelas mudanças climáticas e pelas novas exigências sociais e regulatórias.

Para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o escopo da investigação, incluindo comparações com empresas não certificadas ou atuantes em outras regiões e mercados. Também seria interessante desenvolver estudos de caráter longitudinal, que acompanhem os impactos da certificação ao longo do tempo. Por fim, abordagens qualitativas, como entrevistas com executivos e analistas do mercado financeiro, podem complementar os dados quantitativos, oferecendo uma visão mais abrangente sobre os efeitos e desafios da adoção de certificações (ESG) no ambiente corporativo.

REFERÊNCIAS

ABNT PR - Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2022). **ABNT PR 2030: Ambiental, social e governança (ESG) - Conceitos, diretrizes e modelo de avaliação e direcionamento para organizações ABNT**. 2022.

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Rótulo Ecológico**. 2015. Disponível em: <https://sustentabilidade.grupod.app.br/rotulo-ecologico/>. Acesso em: 9 mai. 2025.

ARAÚJO FILHO, F. de A. P. de. **ESG: uma análise das certificações no cenário brasileiro**. 2024. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Ambiental) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE. 2024.

AYRES, A. R.; BONIFÁCIO, A.; SILVA, L. dos A. Sustentabilidade empresarial: uma análise das matrizes de materialidade das empresas globais fabricantes de automóveis. **Revista Engenharia de Interesse Social**, v. 5, n. 5, 2020.

B LAB. **Legal Requirement for B Corp Certification**. 2023. Disponível em: <https://www.bcorporation.net/en-us/about-b-corps/legal-requirements/>. Acesso em: 9 mai. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
Bells & Bayes Rating Analytics. **ESG Disclosure Yearbook Brasil 2024**. Anuário sobre a divulgação de práticas ambientais, sociais e de governança por empresas

listadas no Novo Mercado da B3. Disponível em: <https://summits.estadao.com.br/esg/2024/07/08/apenas-29-das-empresas-com-regras-rigiditas-de-governanca-na-b3-divulgam-dados-sobre-esg-auditados/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

BRASIL - Organização das Nações Unidas (ONU). **Relatório Anual das Nações Unidas no Brasil 2023**. 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/271918-relat%C3%B3rio-anual-das-na%C3%A7%C3%B5es-unidas-no-brasil-2023>. Acesso em: 9 mai. 2025.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEL MASO, L. **ESG: A revolução das finanças sustentáveis**. São Paulo: Planeta Estratégia, 2021.

DELMAS, M. A.; BURBANO, V. C. The Drivers of Greenwashing. **California Management Review**, v. 54, n. 1, p. 64–87, 2011.

ECCLES, R. G.; IOANNOU, I.; SERAFEIM, G. The Impact of Corporate Sustainability on Organizational Processes and Performance. **Management Science**, v. 60, n. 11, p. 2835–2857, 2014.

EY. **Para 78% dos investidores, investimento em ESG deve ser feito, mesmo com redução de lucro a curto prazo, aponta pesquisa da EY**. 2023. Disponível em: https://www.ey.com/pt_br/news/2022-press-releases/12/investimento-em-esg-deve-ser-feito-mesmo-com-reducao-de-lucro-a-curto-prazo. Acesso em: 9 mai. 2025.

FEROLA, B. G.; PAGLIA, L. B. ESG: primeiros passos, em especial para empresas públicas. **Revista Latino-americana de Governança**, v. 1, n. 1, 2021.

FREEMAN, R. E.; HARRISON, J. S.; WICKS, A. C. **Managing for Stakeholders: Survival, Reputation, and Success**. New Haven: Yale University Press, 2007.

FRIEDE, G.; BUSCH, T.; BASSEN, A. ESG and financial performance: aggregated evidence from more than 2000 empirical studies. **Journal of Sustainable Finance & Investment**, v. 5, n. 4, p. 210-233, 2015.

FSB - **NEXUS – PESQUISA E INTELIGÊNCIA DE DADOS**. Reputação das marcas: o que move o comportamento dos brasileiros. Disponível em: <https://www.nexus.fsb.com.br/estudos-divulgados/reputacao-das-marcas-o-que-move-o-comportamento-dos-brasileiros/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

GOMES, M. F.; FERREIRA, L. J. Políticas públicas e os objetivos do desenvolvimento sustentável. **Direito e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 1553178, 2018.

GRESB. **“Outcomes of 2022: Strengthening the Link Between Business & Sustainability”**. 2023. Disponível em: <https://www.gresb.com/nl-en/outcomes-of-2022-strengthening-the-link-between-business-sustainability/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

GRI, 2002. **Diretrizes para relatórios de sustentabilidade**. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/cedoc/diretrizes-para-relatorios-da-sustentabilidade-griversao2002/#.W-cUBHV97IU>. Acesso em: 02 mai. 2025.

HART, S. L. A Natural-Resource-Based View of the Firm. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 4, p. 986–1014, 1995.

HUMANIZADAS. **Relatório Melhores para o Brasil 2023**. 2023. Disponível em: <https://inspirar.humanizadas.com/relatorio-2023-humanizadas>. Acesso em: 29 maio 2025.

IBCG - Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. **Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa**. 6. ed. São Paulo: IBGC, 2023.

IRIGARAY, H. A. R.; STOCKER, F. ESG: novo conceito para velhos problemas. **Cadernos EBAPE**, v. 20, p. 1-4, 2022.

ISA ENERGIA BRASIL. **Gestão ambiental: ISA ENERGIA BRASIL expande certificação ISO 14001 para 55 subestações**. 2025. Disponível em: <https://www.isaenergiabrasil.com.br/centro-de-midia/noticias/gestao-ambiental-isa-energia-brasil-expande-certificacao-iso-14001-para-55-subestacoes/>. Acesso em: 22 mai. 2025.

ISE B3. **B3 divulga a 20ª carteira do ISE B3 - Índice de Sustentabilidade Empresarial**. 2025. Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/noticias/b3-divulga-a20-carteira-do.htm. Acesso em: 20 mai. 2025.

ISO - INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 14001: Environmental management systems — Requirements with guidance for use**. 2023. Disponível em: <https://www.iso.org/standard/14001.html>. Acesso em: 20 mai. 2025.

ITAÚ UNIBANCO. **Relatório Anual Integrado 2023**. 2024. Disponível em: <https://www.itaubank.com.br/relacoes-com-investidores/relatorio-anual-integrado/>. Acesso em: 19 mai. 2025

KOTSANTONIS, S.; PINNEY, C.; SERAFEIM, G. ESG Integration in Investment Management: Myths and Realities. **Journal of Applied Corporate Finance**, v. 31, n. 2, p. 37–45, 2019.

LIMA, K. S. F.; CASTRO, A. C. M.; BAPTISTA, J. S. Segurança ocupacional em sistemas de gestão da floresta nativa: revisão sistemática. **Ciência Florestal**, v. 30, n. 2, p. 602–612, 2020.

LOURENÇO, D. N. Critérios ESG 3 Impactos nos mercados financeiros e de capitais. **Atualidades da Teoria Jurídica do Mercado**, [s. l.], ed. 1, p. 59-75, 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

NATURA & CO. **Relatório Integrado 2023**. 2024. Disponível em: <https://2023ar.naturaeco.report/pt/>. Acesso em: 19 mai. 2025

PPA. **PPA conquista certificação ISO 14001, que implementa Sistema de Gestão Ambiental**. 2024. Disponível em: <https://www.ppa.com.br/brasil/news/geral/ppa-conquista-certificacao-iso-14001-que-implementa-sistema-de-gestao-ambiental>. Acesso em: 19 mai. 2025.

PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. Creating Shared Value. **Harvard Business Review**, v. 89, n. 1/2, p. 62–77, 2011.

PORTER, M. E.; VAN DER LINDE, C. Toward a New Conception of the Environment-Competitiveness Relationship. **Journal of Economic Perspectives**, v. 9, n. 4, p. 97–118, 1995.

RODRIGUES, H. **Artigo: ESG e ODS não são sinônimos, são caminhos conectados**. Forbes, 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbescollab/2021/04/haroldorodrigues-esg-e-ods-nao-sao-sinonimos-sao-caminhosconectados/>. Acesso em: 02 mai. 2025.

ROMA, J. C. Os objetivos de desenvolvimento do milênio e sua transição para os objetivos de desenvolvimento sustentável. **Cienc. Cult.**, v. 71, n. 1, p. 3339, 2019.

SAI - SOCIAL ACCOUNTABILITY INTERNATIONAL. **SA8000: Social Accountability Standard**. 2023. Disponível em: <https://www.sa-intl.org/programs/sa8000/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SEBRAE. **Qual a relação da matriz de materialidade com ESG?**. INOVAÇÃO | SUSTENTABILIDADE, [S. l.], p. online, 4 maio 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/qual-a-relacao-da-matriz-de-materialidadeco-mesg,3ef1daaaba757810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=Trata%2Dse%20de%20um%20instrumento,a%20serem%20abordadas%20pelas%20empresas>. Acesso em: 9 mai. 2025.

SILVA, R. J. de M.; OLIVEIRA, H.; RODRIGUES, G. P. O currículo escolar em tempos de pandemia: implicações e desafios. **Olhares & Trilhas**, v. 23, n. 2, p. 350–372, 2021.

UN GLOBAL COMPACT. **Who Cares Wins: Connecting Financial Markets to a Changing World**. Nova York: UN Global Compact, 2004. Disponível em: <https://www.unglobalcompact.org/library/136>. Acesso em: 10 mai. 2025.

WECD - WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Our Common Future**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me dar força, sabedoria e saúde ao longo dessa jornada acadêmica.

A todos os professores por cada ensinamento, dedicação, incentivo. Minha eterna gratidão.